Produtividade física das lavouras: um sucesso ignorado

MARIA JOSÉ CYHLAR MONTEIRO

Dentre os vários indicadores que permitem acompanhar o desempenho da agricultura um é pouco analisado, o rendimento médio. Mas é esse o fator que permite que, apesar de todas as adversidades, a produção das lavouras ainda tenha um desempenho satisfatório.

O desempenho da atividade agropecuária é acompanhado atentamente, dada a importância de seus resultados para vários segmentos da sociedade. Dela depende a alimentação, ela fornece matéria-prima para várias indústrias, é responsável por parte substancial da receita das exportações, é mercado para os segmentos que lhe fornecem insumos. Quando a agricultura vai bem, o mercado das cidades do interior floresce e, quando vai mal, os consumidores urbanos de renda mais baixa, que gastam parte substancial de sua renda em comida, têm menos recursos disponíveis para outras despesas.

O papel de âncora verde que a produção do campo vem desempenhando reforça a necessidade de se destrincharem todos os aspectos da atividade.

De modo geral, tem-se observado que há vários anos a área cultivada com lavouras se manteve bastante estável em torno dos 50 mil hectares. A produção oscila bem mais. Tomando-se o conjunto de cereais, leguminosas e oleaginosas, a produção tem variado entre 55 e 79 milhões de toneladas.

No fim dos anos 70, vários autores analisaram os impasses de uma agricultura cuja produtividade estaria estagnada e que só conseguia crescer por expansão de área. A partir dos anos 80, outras preocupações se tornaram o eixo de interesse dos analistas: os altos custos da política de crédito rural subsidiado e a necessidade de se afastar o governo da agricultura. O impacto dos preços agrícolas sobre os índices de inflação foi uma temática constante no longo período em que planos de estabilização se sucederam com breve sucesso. Os anos 90 foram os de preocupação com a abertura comercial e seus impactos sobre o mercado agrícola. Por outro lado, o papel de âncora verde que a produção do campo vem desempenhando reforça a necessidade de se destrincharem todos os aspectos da atividade.

Neste contexto cabe indagar: o que aconteceu com a produtividade das lavouras brasileiras nos últimos 20 anos?

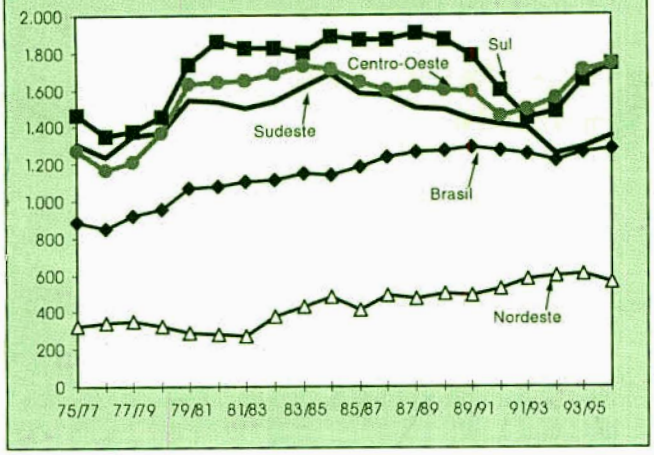
Os gráficos mostram a evolução do rendimento médio de lavouras selecionadas no período 1975-96 para o Brasil e grandes regiões. Foram usadas médias trienais como forma de destacar tendências, eliminando flutuações decorrentes de acidentes climáticos ou outros fatores de caráter aleatório.

O primeiro fato surpreendente é que, com exceção da mandioca, as lavouras consideradas na análise tiveram ganhos significativos de produtividade física. O segundo aspecto relevante é que as melhorias no rendimento físico não se restringem às regiões de agricultura mais capitalizada mas se distribuem, com maior ou menor intensidade, por todas as regiões. Finalmente, vale notar que os benefícios da maior produtividade física não estão restritos às lavouras de exportação, como ainda se afirma com base nos estudos dos anos 70, mas atingem também lavouras voltadas para o mercado interno, como o arroz e o feijão.

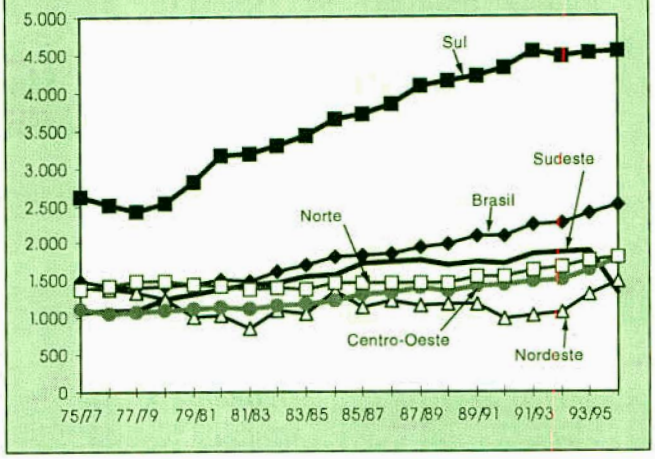
A seguir serão feitas algumas observações preliminares sobre o desempenho de cada uma das lavouras.

Algodão hebáceo: um dos aspectos mais interessantes é o que se refere à produção do Nordeste, cujo rendimento médio saltou de 322kg/ha, em 1975-77, para 559kg/ha em 1993-96. Isso apesar da crise que atingiu a lavoura tanto sob o ponto de vista econômico quanto em função dos ataques da praga do bicudo. Entretanto, deve-se notar que a quantidade colhida se reduziu significativamente no período, o que sugere que só permaneceram na atividade os produtores mais modernos e com disponibilidade de recursos para

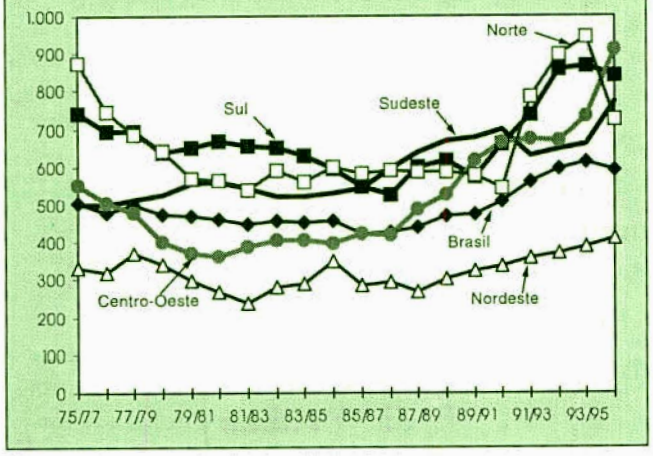
Brasil e regiões — rendimento médio (kg/ha) do algodão herbáceo — médias trienais



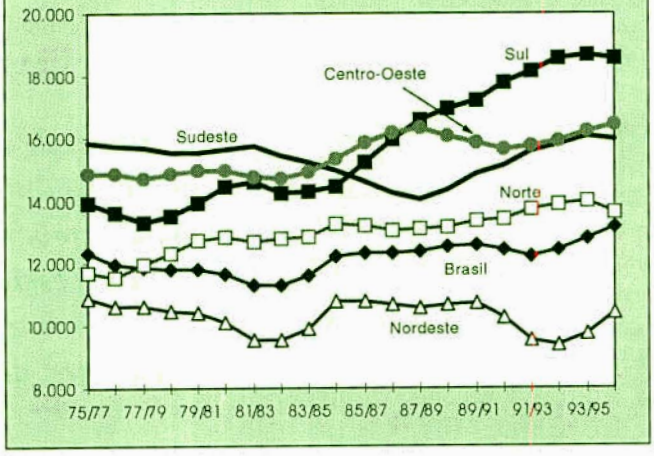
Brasil e regiões — rendimento médio (kg/ha) do arroz em casca — médias trienais



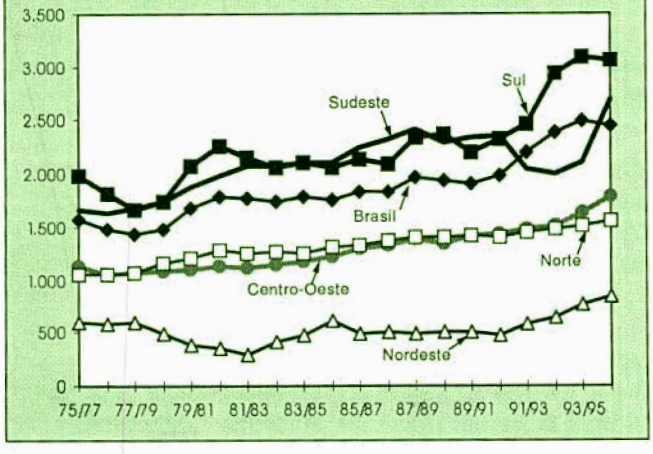
Brasil e regiões — rendimento médio (kg/ha) do feijão em grão — médias trienais



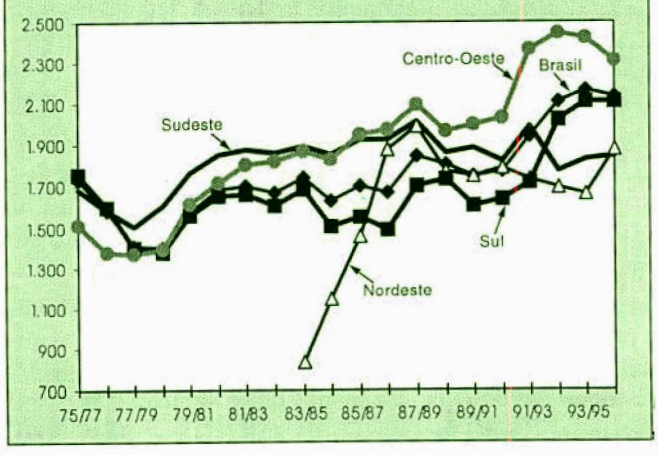
Brasil e regiões — rendimento médio (kg/ha) de mandioca — médias trienais

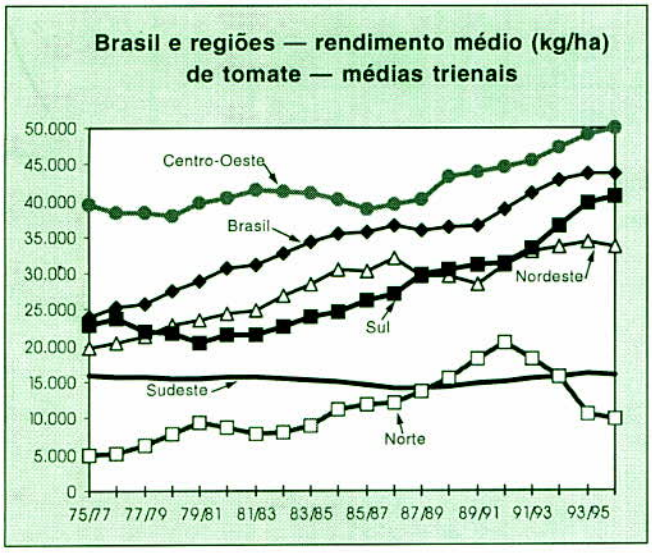


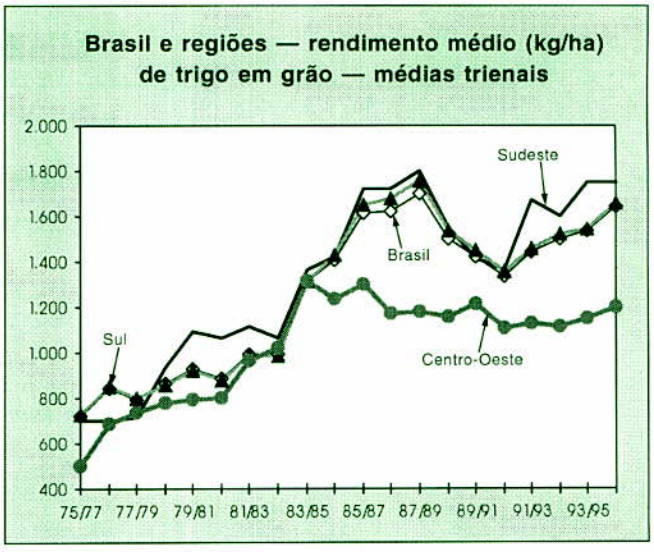
Brasil e regiões — rendimento médio (kg/ha) de milho em grão — médias trienais



Brasil e regiões — rendimento médio (kg/ha) de soja em grão — médias trienais







investir numa lavoura bastante difícil. Na região Sudeste, depois de um período de aumento da produtividade física que se estendeu de 1975-77 até 1984-86, o rendimento entrou em declínio, para só se recuperar ligeiramente no período mais recente. Nas regiões Sul (apenas o Paraná produz algodão) e Centro-Oeste, o padrão praticamente se repetiu, embora a recuperação tenha se dado mais cedo. No que se refere às quantidades produzidas, observa-se um deslocamento da produção do Sudeste e do Paraná para o Centro-Oeste.

Arroz em casca: com exceção do Sudeste, que no triênio mais recente registrou redução nos níveis de rendimento físico, nas demais regiões verificou-se expansão. Destaca-se a distância entre a produtividade física da lavoura no Sul e o restante do país. No Sul, onde se cultivam as variedades irrigadas, o rendimento agrícola passou de 2,6 mil t/ha no início do período para 4,6 mil t/ha em 1994-96. Ainda assim esse significativo progresso não foi suficiente para remunerar os produtores, que se têm deslocado para os países fronteiriços.

Feijão em grão: os dados agregados pouco esclarecem, já que se trata de uma lavoura onde se planta um sem-número de variedades e, dado o curto ciclo da cultura, se colhem pelo menos três safras anuais. A despeito disso se observa uma melhoria dos rendimentos na região Centro-Sul. As informações relativas à região Norte devem ser encaradas com cuidado, pois ali se produz pouco feijão.

Mandioca: lavoura amplamente disseminada no território nacional, é ainda uma típica lavoura de subsistência. Contudo, no Sul do país vem se observando aumento da produtividade.

Milho em grão: embora no triênio mais recente o rendimento físico do milho tenha declinado ligeiramente, verifica-se aumento da produtividade em todas as regiões.

Soja em grão: no Sudeste, nota-se uma estagnação do rendimento físico da lavoura, que aliás se tem mostrado bastante oscilante a partir de 1987. No Nordeste, depois de uma rápida expansão, a produtividade também estagnou. Já no Sul e Centro-Oeste nota-se uma melhoria dos rendimentos físicos no período mais recente.

Tomate: outra lavoura a registrar significativos aumentos da produtividade em todo o país (com exceção da região Norte, onde é pouco difundida). O aumento da participação do tomate industrial e a expansão do cultivo em regiões como o Vale do São Francisco e no Centro-Oeste devem ter contribuído para esse resultado.

Trigo: de 1975 a 1987 houve considerável expansão do rendimento médio do cereal e aumento da produção, a partir de então. Com o desmantelamento da política de apoio à atividade registrou-se uma reversão do quadro ascendente, a produção caiu e o rendimento se mostrou acentuadamente oscilante. No Centro-Oeste, região que foi considerada bastante adequada para o cultivo do trigo pelo clima mais ameno e ausência de geadas, os rendimentos físicos estagnaram.

Que fatores determinaram esse desempenho auspicioso da produtividade física das lavouras? Uma recapitulação dos fatos ocorridos ao longo do período 1975-96, quando o crédito rural — depois de atingir um máximo em 1979 — entrou em ritmo de queda quase que constante, dificultando a aquisição de insumos modernos, sugere que boa parte da explicação deve estar no uso de melhores sementes, de variedades mais produtivas, de maior cuidado com a localização das atividades. Resumindo, tudo aponta para a importância da atividade da Embrapa, que através de suas pesquisas contribuiu substancialmente para o quadro apresentado.